

Com uma certa medida de sucesso, Wiebe busca responder a esses três tipos de objeções na *terceira parte* de seu livro, o que então o conduz, na *quarta e última parte*, à elaboração de sua própria posição quanto ao papel da verdade no estudo crítico da religião. Essas duas partes são consistentemente entrelaçadas para efeitos de argumento. As respostas de Wiebe às objeções tendem a ser claras e sucintas; vez ou outra, porém, baseiam-se numa falsa representação, ou pelo menos num tratamento superficial dos autores analisados — superficialidade que fica patente mesmo para o não-especialista. Essa é a fraqueza básica do livro, um resultado inevitável dada a miríade de autores e posturas analisadas. As análises são às vezes não só superficiais, como também sumárias, como no caso, por exemplo, de Kierkegaard. Também, devido à dificuldade e vastidão do tema, o livro fica sendo, em boa parte, uma carta de intenções. Contudo, ele propõe o projeto de toda uma obra autoral, a ser precisado e revisado em alguns pontos, mas que se distingue de outras opções não menos plausíveis nos estudos da religião. Opções estas obviamente *menos* comprometidas com a peculiar mescla wiebeana entre um certo cientificismo e positivismo moderados pela crítica hermenêutica e historicista e os acenos de uma possível reabilitação do entendimento da religião como metafísica, isto é, como uma visão em princípio igualmente aceitável do todo do real (com seu[s] deus[es]).

O ponto forte de *Religião e verdade* pode ser depreendido em primeiro lugar de seu título: o tema e, junto com ele, a coragem de tratá-lo de forma sistemática. Ademais, o projeto de Wiebe detém grande capacidade de persuasão, sempre presente ao tratar as questões básicas que são a preocupação diária não só do filósofo da religião, mas também do teólogo crítico e do próprio cientista empírico da religião quando movidos pela dimensão incontornavelmente normativa — no sentido tillichiano — de seus dados. Ao longo de seu livro, o autor ataca questões de interesse vital para o estudioso da religião filosoficamente interessado. Acentua as confluências entre estudos teóricos/definicionais e empíricos/descritivos da religião, sugerindo a maleabilidade e o caráter revisável da definição normativa da religião. Eis um dos pontos centrais do argumento desse autor, que desvincula, assim, a questão do problema da validade no estudo da religião de posturas dogmáticas, que há muito não são apanágio específico de teologias.

Luís H. Dreher

Psicanálise e fé cristã

**Recensão do livro *Cartas entre Freud & Pfister 1909-1939*
: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã,
org. por Ernst Freud e Heinrich Meng
(trad. por Karin Wondracek e Dittmar Junge).**

(Viçosa : Ultimato, 1998. 199 p.)

A publicação deste livro vem preencher uma ressentida lacuna na bibliografia de Freud em português. Quase toda a sua correspondência já está traduzida. É provável que o atraso na tradução destas cartas tenha algo a ver com a relação que neste livro se

estabelece: da psicanálise com a religião, mais especificamente com a fé cristã. Foi necessário que um grupo de “psis” cristãos (o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos [CPPC]) tomasse a peito o empreendimento.

A tradução foi muito bem cuidada, tanto no lado da fidelidade aos originais quanto da fluência no português. O formato é adequado e a apresentação externa muito boa. Seria realmente uma pena se, por se tratar de uma editora evangélica praticamente desconhecida no mercado editorial “secular”, o livro tivesse dificuldade de chegar a um público mais amplo.

O tamanho relativamente pequeno do livro esconde a sua importância. A relação entre Freud e Pfister tem sido um dos enigmas da psicanálise. Também muitas vezes tem parecido enigmática em círculos cristãos. Por se tratar de correspondências reais, o livro ganha um tom de facticidade e ao mesmo tempo de humanidade e familiaridade dificilmente alcançáveis num tratado mais abstrato sobre as relações entre fé cristã e psicanálise.

O livro contém quase 100 cartas, a grande maioria de Freud a Pfister. Da correspondência nesta direção, de Freud a Pfister, existem 134 manuscritos de Freud. Os que não puderam ser publicados o foram por razões biográficas. Infelizmente, pouca coisa sobrou da correspondência na direção inversa, de Pfister a Freud. Algumas cartas, reconstruídas, aparecem, no entanto, neste pequeno volume, dando ao leitor uma idéia de como Pfister se dirigia a Freud.

Chamam a atenção a cordialidade e simpatia que uniam esses dois homens. Suas posições na vida e no pensamento eram claras, suas discussões, honestas e acaloradas. Em meio à divergência na superfície das idéias, perpassava essa relação um profundo respeito mútuo. E, talvez, uma perspectiva mais “unitária” nos fundamentos do pensar e do viver. As reflexões sobre isto ainda deverão nos ocupar por algum tempo. É de se esperar que o livro venha a ser instrumental para uma recolocação do debate/diálogo entre fé cristã e psicanálise desde as próprias bases.

Enio R. Mueller